



UMA HISTÓRIA AFRICANA DA ÁFRICA

Do despontar da humanidade
à independência

ZEINAB BADAWI

CRÍTICA

UMA HISTÓRIA AFRICANA DA ÁFRICA

Do despontar da humanidade
à independência

ZENAIB BADAWI

*Presidente da Faculdade de Estudos Orientais e Africanos (SOAS)
da Universidade de Londres*

Tradução
Gil Reyes

Revisão técnica
Flávia Carvalho

CRÍTICA

Copyright © Zeinab Badawi, 2024

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Gil Reyes, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *An African History of Africa: From the Dawn of Humanity to Independence*

Preparação: Mariana Gomes

Revisão técnica: Flávia Carvalho

Revisão: Bonie Santos e Diego Franco Gonçalves

Indexação: Andrea Jocys

Diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Leah Jacobs-Gordon

Adaptação de capa: Heleni Andrade

Mapas: Helen Stirling

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Badawi, Zeinab

Uma história africana da África : do despontar da humanidade à independência /
Zeinab Badawi ; tradução de Gil Reyes. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
464 p. : il.

ISBN 978-85-422-4392-5

Título original: *An African History of Africa: From the Dawn of Humanity to
Independence*

1. África – História I. Título II. Reyes, Gil

26-3307

CDD 960

Índice para catálogo sistemático:

1. África – História

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	11
Capítulo 1. Nossa família e outros hominínios	17
Capítulo 2. A dádiva do Nilo	39
Capítulo 3. O reino de Cuxe	67
Capítulo 4. Ezana de Axum e a ascensão de um reino cristão	97
Capítulo 5. A cruz e o crescente	113
Capítulo 6. Ifríquia e os amazigues	129
Capítulo 7. O islã e as dinastias do Norte da África	147
Capítulo 8. Mansa Musa e os reinos da África Ocidental	171
Capítulo 9. Tippu Tib e os primeiros escravizadores	197
Capítulo 10. Fundido em bronze	221
Capítulo 11. Reinos do sul	241
Capítulo 12. Ascensão dos ashantis: Osei Tutu e Abena Pokou	259
Capítulo 13. Coragem ashanti: Prempeh e Yaa Asantewaa	277
Capítulo 14. Escravidão e salvação	291
Capítulo 15. Terras, ouro e ganância	321
Capítulo 16. O reino do Kongo e a Disputa pela África	345
Capítulo 17. Resistência e libertação da África	375
Epílogo. Uma nova África	407
<i>Fontes</i>	415
<i>Créditos das ilustrações</i>	433

<i>Agradecimentos</i>	437
<i>Notas</i>	439
<i>Índice remissivo</i>	449

CRÍTICA

CAPÍTULO I

NOSSA FAMÍLIA E OUTROS HOMINÍNIOS



Enquanto o jovem e solícito funcionário do museu destravava com habilidade a porta, percebi que estava cheia de empolgação. Estava prestes a encontrar uma superestrela – embora ela estivesse morta havia milhões de anos. Com grande reverência e um temor respeitoso, toquei com suavidade a mão dela com a ponta de um dedo e senti como se fizesse contato com um parente perdido há muito tempo. Era Lucy, ou Dinkensh, como é chamada na Etiópia – parte da linhagem que acabou levando a nós: *Homo sapiens sapiens*, em latim, “homem que sabe que sabe”.

A África é onde tudo começou para nós, humanos modernos. Deveríamos então estar unidos por nosso início compartilhado de uma maneira que nos permitisse ver as coisas além do conceito de raça, para um tempo em que tais diferenças não existiam. Quando examinamos a longa história humana, fica evidente que a diferenciação racial é uma ocorrência relativamente recente; a genética nos mostra fatos que divergem da construção cultural do racismo. Talvez no futuro haja novas interpretações genéticas, mas o pensamento atual indica que as características da “raça branca” emergiram entre 8 mil e 12 mil anos atrás, bem depois de ocorridas várias divisões genéticas na própria África. Infelizmente, como descrito pelo falecido paleoantropólogo queniano dr.

Richard Leakey, alguns ainda relutam em “aceitar plenamente a ideia de que humanos, sejam europeus de olhos azuis ou asiáticos de pele clara, tiveram origem na África”.¹

O dr. Leakey e seus igualmente ilustres pais, Louis e Mary Leakey, fizeram descobertas fósseis pioneiras em uma época do século XX em que ainda se realizavam pesquisas nessa área para desbancar a teoria de que todos viemos da África e fomos, portanto, originalmente negros. A descoberta de um antigo crânio completo na China em 1929, apelidado de “Homem de Pequim”, por exemplo, levou as autoridades de Pequim a financiarem pesquisas de paleontólogos chineses para mostrar que o *Homo sapiens* evoluiu primeiro na Ásia, ou que o Homem de Pequim era ancestral do atual povo do Leste da Ásia. Tais esforços persistem ainda no século XXI.

Já não há mais divergência científica acerca de sermos todos parte da diáspora africana original. Novas descobertas paleontológicas vêm sendo feitas, e a vasta maioria das peças desse quebra-cabeça fragmentado e em contínuo desenvolvimento segue em falta, mas mesmo ainda havendo debate quanto ao local preciso em que isso aconteceu dentro do continente, certamente foi na África que a história humana teve início. Somos um animal africano, uma espécie africana que colonizou o mundo em diferentes épocas e de diversas maneiras. Nenhum ser humano na Terra pode negar que a África foi seu primeiro lar.

Há cerca de 2 a 3 milhões de anos, um grande congelamento matou a maior parte da vida animal na terra e no mar. A África foi a região menos afetada pela Era Glacial, e lá a vida continuou a florescer. Como havia pradarias úmidas e quentes espalhadas pelo continente, esses habitats criaram as condições perfeitas para a evolução dos grandes símios: gorilas, chimpanzés e, mais tarde, hominínios (criaturas entre o símio e o humano), de onde nós, humanos modernos, finalmente viemos. Esses primatas desceram cautelosamente das árvores para habitar o solo e apoiaram sua segurança mais na própria inteligência do que na força.

Foi o biólogo vitoriano Charles Darwin o primeiro a observar, em seu livro *A origem do homem e a seleção sexual*, de 1871, que, sendo o gorila e o chimpanzé africanos os mais anatomicamente parecidos conosco e tendo existido apenas na África, os humanos deviam ter se originado ali. Embora o raciocínio de Darwin não seja compatível com os

padrões científicos atuais, ele propôs uma teoria pioneira que os criacionistas e muitos conservadores religiosos acharam abominável.

Hoje, os gorilas são encontrados apenas em alguns poucos lugares da África, principalmente na região dos Grandes Lagos. Mais de um terço dos mil gorilas-de-montanha sobreviventes vivem sob proteção em florestas do Parque Nacional de Virunga. Essas montanhas, uma cadeia de vulcões, abrangem partes de Ruanda, da República Democrática do Congo (RDC) e de Uganda. Fui ver essas criaturas em risco de extinção no norte de Ruanda, uma missão que envolveu uma longa caminhada iniciada ao raiar do dia, através de massas de vegetação densa brilhando com o orvalho da manhã. Meus esforços foram compensados quando vislumbrei gorilas em meio à folhagem. Um casal de gorilas adultos, um deles com majestosas costas prateadas, estava preguiçosamente deitado no chão – aparentemente curtindo o sol do início da manhã, enquanto um par de jovens gorilas rolava por uma encosta e brincava na terra lamacenta. Foi notável ver o quanto são similares a humanos. Vivem em grupos familiares, e seus movimentos, suas travessuras e expressões são muito parecidos com os nossos. Na realidade, há dados que mostram que humanos e gorilas diferem apenas em 1,75% de seu DNA, bem menos do que se supunha. (Chimpanzés – nossos parentes mais próximos – diferem apenas em 1,37% de nossos genomas.)

Depois que Charles Darwin propôs a tese de que os humanos se originaram na África, outros cientistas começaram a tentar conectar a cadeia evolucionária dos gorilas e dos chimpanzés à dos humanos por meio do estudo de espécies extintas de hominínios, examinando em particular o bipedalismo. O bipedalismo, surgido há cerca de 6 milhões de anos, liberou as mãos dos primatas. Cerca de 3 milhões de anos mais tarde, isso tornou os hominínios capazes de usar a inteligência para fabricar ferramentas ou caçar com armas, auxiliados por sua aptidão de exercer uma rotação no pulso – característica exclusiva de símios e humanos. O bipedalismo habitual, a capacidade de andar de modo permanente sobre duas pernas, é uma característica que define o que nos torna humanos. Uma teoria, proposta por especialistas do início do século XX, como o paleoantropólogo australiano Raymond Dart, defende que andar sobre duas pernas foi algo que se desenvolveu porque, com a mudança de clima, havia menos bosques e mais pradarias, o

que tornou o bipedalismo uma maneira mais eficiente de se locomover. Houve um longo estágio intermediário, durante o qual os hominínios bípedes ainda tinham um dedão opositor no pé para trepar em árvores, escapar de predadores no solo e conseguir balançar de um galho a outro com os pulsos rotatórios.

Quando os hominínios ficaram eretos, por volta de 4,4 milhões de anos atrás, ocorreram mudanças anatômicas nas mãos, nos ombros, nos cotovelos, na pelve e na espinha dorsal. Conforme a cadeia evolucionária se desenvolveu, eles começaram a se parecer mais com os humanos atuais.

Nossa trilha ancestral

Toumai, há 7 milhões de anos

Cientistas quiseram estabelecer a data em que nossa linhagem humana divergiu da de outros primatas, e a descoberta ocorreu em 2001. Depois de uma década de escavações nas dunas de areia do Saara no norte do Chade, uma equipe de paleontólogos franco-chadianos teve seus esforços recompensados. Encontraram ossos fossilizados, um crânio parcial e uma mandíbula, atribuídos a um símio-homem que foi apelidado de Toumai, que significa “esperança de vida” na língua local daza. Alguns especialistas acreditam que Toumai, conhecido como *Sahelanthropus tchadensis*, era de uma espécie de primata ancestral comum tanto a humanos quanto a chimpanzés. Evidências moleculares sugerem que Toumai viveu perto do momento em que se deu a divergência gorila/chimpanzé-humanos, há cerca de 7 milhões de anos, mas não se sabe se ele ou ela era bípede na época. Não obstante, foi esse o momento em que se iniciou o processo evolucionário que nos tornou plenamente eretos.

Lucy ou Dinkenes, há 3,2 milhões de anos

Vamos avançar mais 4 milhões de anos até uma das descobertas mais icônicas: Lucy, uma celebridade no mundo da paleontologia. Ela era membro de uma espécie conhecida como *Australopithecus afarensis*, e seu nome foi inspirado na canção dos Beatles “Lucy in the Sky with



1. O esqueleto de Dinkenesch

Diamonds”, que estava tocando no rádio do acampamento quando ela foi descoberta em Hadar, no leste da Etiópia, em 1974. Lucy é conhecida como Dinkenesch na Etiópia, que significa “você é maravilhosa” na língua amárica, e é como me refiro a ela.

No Museu Nacional da Etiópia, na capital, Adis Abeba, há um modelo de como seria a aparência de Dinkenesch. O esqueleto real de Dinkenesch está trancado a chave em uma sala com climatização controlada, onde a temperatura é mantida em nível ótimo para a preservação de seus restos. Encontraram nada menos que 40% do esqueleto dela, e suas partes constituintes são mantidas como peças cuidadosamente identificadas e classificadas em gavetas especiais acolchoadas. Foi maravilhoso ver e tocar os ossos de Dinkenesch sob a supervisão do professor Yohannes Haile-Selassie, um importante paleontólogo etíope. Ele a descreveu como “o ícone da paleoantropologia”, acrescentando que especialistas como ele ainda aprendem muito com ela.

Yohannes me contou como Dinkenesch vivia há 3,2 milhões de anos. Uma reconstrução da cabeça dela mostra que sua metade inferior

se projeta para a frente, diferentemente do rosto plano dos humanos modernos, e que seu cérebro não era maior que o de um símio. Sua mandíbula era relativamente pequena, mas os dentes eram grandes. Adulta, devia ter cerca de um metro de altura e pesar menos de trinta quilos. Caminhava regularmente em duas pernas, tendo, portanto, os braços livres, relativamente mais compridos que os nossos. Dinkenesh deve ter usado as mãos para fazer ferramentas simples, como galhos afiados, usados para pescar, cavoucar cupinzeiros ou matar pequenos animais. Perto de onde ela morreu, foram encontrados ovos fossilizados de tartaruga e crocodilo, que apoiam a teoria de que procurava comida, possivelmente assaltando ninhos de répteis. Além disso, é provável que Dinkenesh tivesse predileção por uma dieta de plantas e frutas.

Dinkenesh talvez dormisse em árvores, por questões de segurança. Uma teoria defende que ela pode ter morrido ao cair de uma árvore – por ironia, o perigo residia em seu refúgio. Apesar do status de super-restreira que ela tem na história dos hominínios, os humanos modernos não são descendentes diretos de Dinkenesh. Mas ainda assim ela é parte da linhagem que acabou levando até nós.

A Criança de Taung, há 2,8 milhões de anos

A primeira evidência de um “hominínio” foi descoberta muito antes. O professor Raymond Dart encontrou a Criança de Taung em uma formação de calcário em Taung, perto de Kimberley, na província de Cabo Setentrional, na África do Sul, em 1924. A Criança de Taung viveu há cerca de 2,8 milhões de anos e é de uma espécie de hominínio chamada *Australopithecus africanus*. Fui até a Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, onde a Criança de Taung é mantida. O proeminente paleoantropólogo sul-africano professor Francis Thackeray apontou para a caixa craniana, a fronte do rosto e o maxilar inferior, e me explicou que durante décadas pensava-se que nossos ancestrais hominínios haviam sido predadores vorazes, ou “símios assassinos”. Algumas cascas de ovo perto dali foram interpretadas como a comida da criança, mas, mostrando-me as órbitas oculares e as fissuras no crânio da Criança de Taung, ele relatou que cientistas como ele, na década de 1990, começaram a notar que os danos pareciam similares aos de macacos modernos

mortos por águias. Ao que parece, a Criança de Taung não estava em sua caverna, mas na toca de uma grande ave predadora, provavelmente uma águia pré-histórica, que a arrastou até lá depois de matá-la. É como abrir uma janela para um tempo em que nossos antepassados eram ao mesmo tempo predadores e presas. A Criança de Taung foi o primeiro hominínio encontrado na África e parecia muito mais arcaica que outros restos encontrados em outras partes na época. Ela forneceu a primeira dica de que Charles Darwin poderia estar correto em relação aos humanos terem se originado na África.

Sra. Ples, há 2,5 milhões de anos

Cerca de vinte anos após a descoberta da Criança de Taung, os paleontólogos sul-africanos Robert Broom e John T. Robinson descobriram um crânio pré-humano nas cavernas de Sterkfontein, norte de Joanesburgo, em 1947. Foi chamado de sra. Ples, como uma alternativa mais curta ao nome científico inicial, *Plesianthropus transvaalensis*. Depois de 2 milhões de anos de um sepultamento tranquilo, a cabeça da sra. Ples foi explodida pela dinamite de uma mina de calcário. Cientistas juntaram os fragmentos, e ela agora está quase completa. A sra. Ples, assim como Dinkenesch, tinha um cérebro pequeno, de tamanho similar ao dos chimpanzés, cerca de um terço do nosso, mas andava sobre duas pernas. Ela foi um achado significativo; seu crânio provou pela primeira vez que andar ereto evoluíra bem antes de qualquer aumento significativo no tamanho do cérebro. Especialistas podem saber se um hominínio andava sobre duas pernas a partir de um orifício chamado “forame magno”, localizado na parte de trás do crânio, por onde as vértebras e a coluna espinhal se introduzem. A sra. Ples tinha esse orifício, e ele apontava para baixo, indicando que ela havia sido bípede.

Coexistiram na África diferentes tipos de hominínios, e os cientistas tentam descobrir como esses vários tipos – a Criança de Taung, a sra. Ples e Dinkenesch – estão relacionados; mas o que sabemos de fato é que, conforme as várias linhagens foram desaparecendo, apenas uma, o “*Homo* genus”, levou diretamente a nós, humanos modernos. É aí que o trabalho de detetive se desloca para o leste do continente.

Zinj, há 1,75 milhão de anos

O Vale do Rift, no Leste da África, uma imensa fenda na crosta terrestre que abrange Tanzânia, Quênia e Etiópia, é rico em restos de hominínios impecavelmente preservados em solo e rochas. À medida que eu descia pela Garganta de Olduvai, no norte da Tanzânia, e abria caminho entre areia e pedras, contemplei as camadas de sedimentos de argila, arenito e outros conglomerados, formados ao longo de milhares de milênios. Em 1959, a paleoantropóloga queniana nascida na Inglaterra Mary Leakey deparou com um crânio excepcionalmente íntegro na Garganta de Olduvai, junto de ferramentas de pedra. O espécime ficou conhecido como *Zinjanthropus boisei* (Zinj), e recebeu o nome de espécie *Paranthropus boisei*. Antes, achava-se que esses pré-humanos haviam vivido há 500 mil anos, mas para a surpresa dos cientistas contemporâneos, Zinj foi datado de 1,75 milhão de anos atrás, e seus dentes sugeriam que ele pastava.

Fiquei aliviada ao ver que havia uma placa no local em que Zinj fora encontrado, reconhecendo a descoberta pioneira de Mary Leakey. Ela era uma mulher ativa e determinada que recebera apenas alguns ensinamentos esporádicos, mas demonstrava talento excepcional para a arqueologia e a escavação. Casou-se com um arqueólogo e antropólogo de Cambridge, Louis Leakey, e os dois se mudaram para o Leste da África no final da década de 1930, estabelecendo-se em um sítio na Garganta de Olduvai. Como mulher em um campo dominado por homens, muitos dos créditos referentes às primeiras contribuições de Mary foram atribuídos a Louis.

Homo habilis, há 1,7 milhão de anos

Em 1961, os diligentes esforços de Mary e Louis Leakey renderam frutos com outro grande achado em Olduvai: parte de um crânio e um maxilar inferior datados de 1,7 milhão de anos atrás – o que tornava o espécime um pouco mais jovem que Zinj. O enredo ficou mais denso: o crânio era muito mais similar ao nosso que o do *Australopithecus* ou o do *Paranthropus*. Tinha uma grande câmara para o cérebro, portanto esse hominínio devia gostar de usar as mãos de maneira mais sofisticada,

com dedos capazes de segurar e manipular objetos, como pedras e ferramentas para extrair a carne dos ossos. Foi nomeado *Homo habilis*, que em latim significa “homem habilidoso”.

Turkana Boy ou Homo erectus, há 1,5 milhão de anos

Em 1984, uma equipe trabalhando sob o comando de Richard Leakey, filho de Louis e Mary, fez uma importante descoberta que preencheu uma imensa lacuna em nosso conhecimento acerca da evolução humana. A equipe encontrou restos na bacia do Turkana, norte do Quênia, que forneceram evidências impressionantes do grupo que eventualmente levaria até nós. Era o Turkana Boy [Garoto de Turkana], ou *Homo erectus*, que significa “homem ereto”. Ele viveu há 1,5 milhão de anos e, diferentemente de outras linhagens, como o *Homo habilis*, que desapareceram, sobreviveu e evoluiu. O Turkana Boy era pré-púbere – provavelmente 12 anos de idade. Seu esqueleto é o mais completo de qualquer hominínio já encontrado. Tinha um metro e meio de altura.

A maioria dos especialistas acredita que o *Homo erectus* adquiriu o conhecimento de iniciar o fogo esfregando pederneiras, por isso sua caixa torácica (e, portanto, os intestinos), assim como os dentes, eram menores, em razão do hábito de consumir comida mais macia, cozida, o que permitiu que seu cérebro crescesse mais rapidamente, conforme o aumento da ingestão de proteína. Na mesma época, desenvolveu-se a linguagem, provavelmente envolvendo o uso extensivo de cliques da língua. O Turkana Boy provavelmente se comunicava dessa maneira. O cérebro do *Homo erectus* aumentou ainda mais, até que, por volta de 400 mil anos atrás, esse hominínio tornou-se o arcaico *Homo sapiens*. Duzentos mil anos mais tarde, o *Homo erectus* desenvolvera-se plenamente no *Homo sapiens*, anatomicamente igual a nós. O *Homo sapiens sapiens*, o humano moderno, estava geneticamente formado de forma plena há cerca de 100 mil anos.

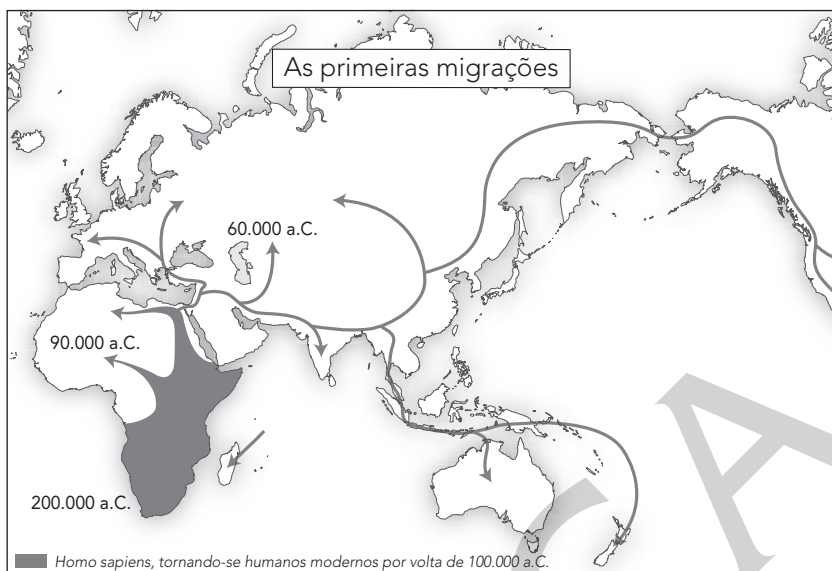
Os primeiros migrantes, há 90 mil anos

Por volta de 90 mil anos atrás, o *Homo sapiens sapiens* já se espalhara por toda a África. O número de pessoas no continente nessa época provavelmente chegava a 1 milhão, vivendo em pequenas comunidades com cerca de 150 membros cada.

Então aconteceu o desastre. Partes da África começaram a sofrer uma grande seca, gerando escassez de comida e água. Nossos ancestrais de repente tiveram que competir por recursos insuficientes e precisaram encontrar uma maneira de sobreviver. Os antigos hominínios, principalmente o *Homo erectus*, haviam migrado da África 2 milhões de anos antes, mas foi apenas entre 90 mil e 60 mil anos atrás que vários *Homo sapiens sapiens* desesperados foram tentar a sorte fora do continente e partiram. Não há nada de novo no fenômeno da migração humana.

Os primeiros grupos chegaram à península Arábica, de onde, pioneiros, seguiram adiante para a Europa e a Ásia. Na Europa, encontraram outros descendentes do *Homo erectus* – o *Homo neanderthalensis* e o *Homo heidelbergensis* –, e na Ásia os grupos denisovanos, *Homo floresiensis*, *Homo longi*, *Homo luzonensis*, e muito provavelmente também outras espécies de humanos arcaicos. Nesse momento, éramos apenas um provinciano componente africano de uma humanidade em vertiginosa mistura. Durante milênios, coexistimos com nossos primos genéticos, compartilhando não apenas a paisagem, mas também, mais intimamente, nossos genes por meio de acasalamento. Até hoje, os eurásianos têm vestígios residuais de DNA de neandertal, e os asiáticos, os povos do Pacífico e os nativos americanos carregam traços de outros hominínios. Ainda não é devidamente compreendido por que fomos o único ramo que sobreviveu, mas é provável que nossas aptidões cognitivas superiores e a mudança do ambiente tenham desempenhado seu papel, enquanto outros humanos arcaicos foram sendo extintos.

Até 8 mil a 12 mil anos atrás, todos os humanos tinham a pele escura. A tez pálida, o cabelo loiro e a íris de cor clara evoluíram apenas à medida que os humanos migraram da África e se adaptaram a diferentes climas, que ao longo do tempo resultaram nas diversas características raciais que vemos hoje. Nossa linhagem, *Homo*, e nosso lugar nela são assunto de muitos estudos, muitas conjecturas e discordâncias.



Há evidências crescentes de que os humanos arcaicos tiveram origem em diferentes partes da África. No entanto, o que podemos dizer com absoluta certeza é que 99% de nossa história evolucionária ocorreu no continente. Todo mundo hoje é ou africano ou descendente de um migrante africano.

Os primeiros humanos

O *Homo sapiens sapiens* muito rapidamente se envolveu em atividades caracteristicamente humanas, como dedicar-se à arte pela arte. No deserto do Saara do norte da Mauritânia, subi por um caminho rochoso para admirar realizações artísticas nas cavernas das montanhas Agrouir Amogjar. As imagens, de 5 mil anos atrás, são fascinantes: uma girafa, um elefante, uma gazela, um homem com os braços estendidos e uma mulher com quadris exagerados, sinal de fertilidade, sem dúvida. Mais acima, pude ver o desenho de um sol – com raios radiantes – e quatro círculos que possivelmente representam as estações do ano.

Eu havia recebido um curso intensivo de arte pré-histórica graças ao entusiasmado diretor do National Centre for Prehistoric,

Anthropological and Historical Research (CNRPAH) [Centro Nacional de Pesquisa Pré-histórica, Antropológica e Histórica], em Argel, o dr. Slimane Hachi. Ele havia dito que a Argélia, maior país africano, tinha tanta arte rupestre que podia ser considerada o “maior museu a céu aberto do mundo!”. Nós nos sentamos juntos, olhando para as maravilhosas pinturas na rocha em Tassili n’Ajjer, de cerca de 10 mil anos atrás, que retratam paisagens e vida selvagem – búfalos, girafas e elefantes. As figuras humanas, de grandes dimensões, têm cabeças desenhadas como círculos. À medida que ocorreu o desenvolvimento humano, a arte rupestre saariana passou a retratar agricultores, pastores e condutores de bois e carneiros – símbolos de um mundo há muito tempo perdido em meio a oceanos de areia.

A mais antiga pintura em rocha encontrada na África até agora data de um período entre 26 mil e 28 mil anos atrás. Localizada na Namíbia, abrange sete lajes de pedra. Representados em quartzita marrom-acinzentada, há vários animais pintados em branco, ocre e pigmento de carvão. Mas as pinturas em rochas e cavernas estão longe de ser as primeiras obras de arte *sapiens*. A capacidade de conceitualizar o futuro e o passado é parte do que nos torna humanos. Especialistas como o dr. Hachi não sabem exatamente quando os primeiros humanos adquiriram as necessárias faculdades de imaginação e abstração, mas o objeto mais antigo a representar um pensamento simbólico talvez seja uma peça lisa de pedra com quatro centímetros de comprimento, de 75 mil a 100 mil anos atrás, encontrada na caverna Blombos, trezentos quilômetros a leste da Cidade do Cabo, hoje em um museu em Joanesburgo. Quando a segurei na mão, sob o olhar atento do curador, parecia uma pequena pedra vermelha sem nada de especial. O curador apontou para o padrão hachurado que resulta em um formato de losango, com três linhas paralelas deliberadamente raspadas ao longo dela. Encontrada em outro lugar da caverna Blombos havia uma grande concha marinha com vestígios de um ocre polvilhado, misturado com fluidos para pigmento e pintura corporal ou decoração facial. Estima-se que deva ter 100 mil anos, o que certamente a qualificaria como o kit de maquiagem mais antigo do mundo a ter sobrevivido. Claramente, os primeiros humanos eram como nós: criavam arte, falavam, contavam histórias e piadas, cantavam, faziam

música e dançavam, e tinham seus sistemas de crenças e espiritualidade. É a condição humana, na África e em toda parte do mundo, tanto à época como agora.

Os hadzas

Para obter um vislumbre de nossas origens sociais e culturais, especialistas podem aprender muito com a excepcional comunidade de caçadores-coletores conhecida como hadza ou hadzabe, instalada no Vale do Rift, na Tanzânia, junto às planícies Serenguéti. São o último povo remanescente dedicado a caçar grandes animais, como nossos ancestrais faziam. Os primeiros humanos eram caçadores-coletores, pescavam em riachos com anzóis de osso e linhas de videira, vasculhavam o solo à procura de frutas, mel e castanhas, e, nas planícies, espreguiçavam presas com lanças. Se os recursos se esgotavam em uma área, passavam a explorar a seguinte. Esse foi nosso estilo de vida durante 99% de nossa história.

Eu estava ansiosa para conhecer os hadzas depois de ler a respeito deles em um estudo do brilhante professor tanzaniano Audax Mabulla, diretor do Museu Nacional da Tanzânia. Viajei até o lago Eyasi, a menos de cem quilômetros da cratera Ngorongoro, para visitá-los. A cratera Ngorongoro é a cratera vulcânica mais completa do mundo. O *Homo sapiens sapiens* e nossos ancestrais viveram em seu ecossistema há mais de 3 milhões de anos. A área em que os hadzas vivem é feita de grandes extensões de terra verde esculpidas por erupções vulcânicas. A parte final da minha viagem pelo matagal só podia ser feita a pé, através de uma densa vegetação. Meu guia e intérprete, David Maragu, andando à minha frente, ia, felizmente, empurrando de lado a exuberante vegetação que obstruía nosso caminho e criando uma trilha mais desimpedida para nós.

Depois de um tempo, surgiram, aninhadas entre as árvores, várias pequenas cabanas feitas de galhos e folhagem. Em uma clareira, um grupo de cerca de doze homens, com caudas de pele de babuíno amarradas na cabeça, estava agachado, com uma fogueira ao lado deles. Cantavam enquanto um homem tocava melodiosamente um instrumento

de corda única colocado sob o queixo. Atrás deles pude ver árvores altas de baobá, de cujos galhos pendiam os crânios e ossos de animais que eles haviam caçado.

Como o professor Mabulla me explicou, os hadzas, que são cerca de mil no total, vivem em pequenos grupos autônomos. Atualmente, apenas cerca de um quarto deles mantém o modo de vida tradicional, vasculhando em busca de comida e caçando o tempo inteiro. Eles têm cães de caça, não mantêm animais de criação nem cultivam alimentos, e seguem padrões de migração animal, mudando-se para novas áreas a cada poucas semanas e construindo cabanas temporárias como abrigo. Embora vários governos da Tanzânia lhes tenham oferecido um abrigo permanente, muitos preferem viver como faziam nossos ancestrais; na realidade, sua rejeição às armadilhas da modernidade e sua conexão com a natureza oferecem uma saudável lição a todos nós, que vivemos às voltas com os danos infligidos ao ambiente pela atividade humana e pela busca de riqueza material.

A vida é intensamente comunitária; à noite, dormem todos juntos, mas durante o dia as mulheres e as crianças ficam em outra parte do assentamento. Notei que as crianças, nessa comunidade de 25 membros, são criadas coletivamente por todas as mulheres. Essa prática, chamada de aloparentalidade pelos antropólogos, não é incomum na África. Entre os kung de Botsuana, por exemplo, cada criança é cuidada por vários adultos, e as mais velhas também contribuem para cuidar das mais novas. Um estudo do povo efe, da República Democrática do Congo, revelou que as crianças tinham uma média de catorze alopais por dia com dezoito semanas de idade. Trata-se de um sistema consistente com a maneira como os paleoantropólogos acreditam que os primeiros humanos e caçadores-coletores organizavam suas sociedades, e que alguns psiquiatras hoje acreditam ser capaz de reduzir o estresse e a pressão sobre as mães e gerar menos ansiedade nas crianças. O conceito de família nuclear é uma invenção recente, que rompeu com a história evolucionária, e não é um conceito com o qual os hadzas se identificam. Embora os hadzas pratiquem a monogamia serial, cada relacionamento costuma durar apenas um breve período; portanto, na realidade, uma mulher pode não ter certeza da paternidade de seu filho.

É uma sociedade igualitária, em que tudo é compartilhado. As mulheres e crianças saem à procura de raízes, coletam plantas silvestres e bagas, e matam pequenos animais, como ratos e aves. Já a coleta de mel é feita pelos homens. Os hadzas não estocam comida; quando matam um animal grande, ele é comido em cinco dias. Nenhuma parte do animal é desperdiçada. Quando nasce o dia, os meninos acompanham os homens no matagal para observar como caçam e para aprender com suas habilidades. Antes de eu partir para uma expedição de caça com os hadzas, um deles me ensinou a atirar com arco. Eu fracassei miseravelmente e passei vergonha quando um menino de 3 anos de idade disparou a flecha mais longe que eu. Os caçadores usam peles de babuíno para terem a aparência e o cheiro de um animal, pois assim podem chegar mais perto da presa. Eles afiam as flechas, que são mergulhadas em um veneno extraído de plantas ou de besouros, tornando-as mais mortíferas. Se um animal não é morto instantaneamente, fica debilitado pelo veneno, e, quando finalmente morre, os hadzas podem achar sua localização observando os abutres que voam em círculo acima dele. Nesse dia, voltamos ao acampamento de mãos vazias.

A busca das mulheres por alimento mostrou-se mais produtiva, pois são uma fonte de comida bem mais confiável que os homens caçando – sempre foram! Em nosso retorno, os homens usaram pontões martelados nos troncos para escalar as árvores de baobá e coletar frutos de casca dura. Mais tarde naquela noite, a comunidade desfrutou de uma refeição quente de frutos de baobá e raízes – uma delícia vegana.

No meio de muita brincadeira, nos sentamos todos em volta de uma fogueira ao anoitecer, conversando com o auxílio de meu intérprete, que me ajudou a estabelecer uma boa relação com os hadzas. Eles falavam hadza,² que não tem qualquer conexão com nenhuma outra língua africana, embora guarde algumas similaridades com as línguas de cliques dos povos khoisan da África do Leste, Central e do Sul, um pequeno grupo que às vezes é classificado dentro da família de línguas Níger-Congo.³

Os hadzas acreditam que foram seus ancestrais que fizeram as pinturas rupestres na bacia do lago Eyasi. Suas produções de arte mostram pinturas com linhas finas, retratando animais selvagens, figuras humanas estilizadas e desenhos abstratos de círculos concêntricos em

vermelho ou pontos e linhas em vermelho. Há imagens de frutos e bagas de baobá e de humanos com arcos e flechas apontados para animais. Parte dessa arte rupestre pode ter sido feita por xamãs ou curandeiros, que ingeriam plantas para alterar a percepção e experimentavam alucinações fora do corpo. As plantas medicinais eram importantes para nossos ancestrais, assim como são para os africanos hoje. Os hadzas removem e fervem a casca do tronco do mondoko e a usam como compressa; para curar congestão do peito, fervem a casca do morongodako e bebem a infusão. No entanto, como o professor Mabulla explica, no passado, se uma pessoa não reagia ao tratamento e ficava doente ou fraca demais para migrar com os outros, a comunidade não tinha escolha a não ser deixá-la para que a natureza seguisse seu curso.

Religiões africanas

Não podemos ter certeza quanto ao tipo de sistemas de crença dos primeiros humanos, mas os hadzas até hoje acreditam em uma cosmologia apoiada no sol, nas estrelas e na lua; não têm nenhuma hierarquia religiosa nem práticas elaboradas para os sepultamentos. Como os hadzas, as sociedades arcaicas de caçadores-coletores enterravam seus mortos em abrigos rochosos, possivelmente com adereços tumulares, assim como faziam também outras espécies, como os neandertais.

Há vários sistemas espirituais indígenas na África, o que reflete a diversidade de seus povos, mas também há muitas similaridades entre eles. Devo ressaltar que, embora eu use a expressão “religiões africanas” como termo geral por praticidade, existe um problema com essa terminologia. A palavra “religião” incorpora muito das tradições abraâmicas, e isso colore e obscurece nossa compreensão das ideias e crenças espirituais africanas. As descrições dos sistemas de crenças africanos foram criadas por acadêmicos, teólogos e missionários ocidentais, e influenciadas por suas próprias perspectivas religiosas. Como o falecido acadêmico queniano John Mbiti escreveu: “Essas primeiras descrições nos legaram termos inadequados, depreciativos e preconceituosos”.⁴

Por exemplo, o antropólogo inglês E. B. Tylor descreveu as práticas religiosas africanas em 1871, no livro *Primitive Culture* [Cultura

primitiva], como “animismo”, termo que ele inventou a partir do latim *anima*, que significa sopro ou alma. Ele escreveu que os “povos primitivos” acreditam que cada objeto tem a própria alma, o que dá origem a incontáveis espíritos no universo, que são, então, cultuados em uma espécie de politeísmo, colocando a espiritualidade africana no patamar mais baixo da evolução religiosa. O termo “animismo” ainda está em uso, embora tenha sido abandonado por acadêmicos africanos há muito tempo, considerado uma representação inadequada das crenças espirituais às quais se refere. Apenas por volta de meados do século XX foi que surgiram abordagens sérias e com maior compreensão das crenças tradicionais africanas, e Mbiti tem contribuído muito para nosso conhecimento desse assunto.⁵ Segundo ele, a maioria das línguas africanas não tem uma palavra que corresponda a “religião”, e tampouco há escrituras sagradas. As religiões africanas existentes, como vodun, vodu, orisha e inkice, estão abertas a constantes inovações, mas discussões sobre monoteísmo ou politeísmo são irrelevantes. Todas essas crenças africanas compartilham aspectos comuns, como a ideia de uma força que é ao mesmo tempo transcendente e imanente. Isso está presente em toda parte da criação, nas árvores, nas plantas, no vento e em outros aspectos da natureza, o que torna inadequada a denominação de “animismo”.

A ideia de que os africanos praticam o “culto aos ancestrais” também se revelou notavelmente persistente nas visões que o Ocidente tem das tradições africanas, apesar de rejeitada por acadêmicos africanos. O estudioso inglês Herbert Spencer utilizou pela primeira vez o termo “culto aos ancestrais” em 1885, no livro *The Principles of Sociology* [Os princípios da sociologia], para descrever o relacionamento entre os povos “selvagens”, na expressão dele, e os espíritos dos mortos. Na realidade, o que a maioria das crenças africanas tradicionais sustenta é que os ancestrais existem em outro mundo e podem ser invocados para intervir em assuntos atuais. Existem “pessoas santas” na comunidade – entidades espirituais que são intercessoras entre aqueles que estão na Terra e os que partiram. Há uma profunda conexão entre os vivos e aqueles que partiram para a vida pós-morte; os mortos ainda fazem parte da família, e oferecem-se a eles orações e sacrifícios para que emanem o “bem” de volta à Terra. É uma espiritualidade muito prática. Não existe a ideia de um inferno aguardando os pecadores nem de um

paraíso à espera dos crentes. Não se incentiva a busca de uma vida moral com o propósito de assegurar uma existência feliz no outro mundo; é a vida presente que importa. Dessa maneira, as religiões africanas tradicionais costumam ser menos a respeito do indivíduo e mais a respeito da comunidade. Muitos leitores devem estar familiarizados com o termo africano *ubuntu*, na língua nguni, que significa “humanidade para os outros” ou “Eu sou o que sou porque somos quem somos”, e isso capta bem a essência das crenças nativas da África.

O especialista em cultura zimbabuense Pathisa Nyathi levou-me a conhecer uma comunidade nas montanhas Matobo, em Matabelelândia, que realizava uma cerimônia para invocar os espíritos dos ancestrais. Fiquei perplexa ao ver um grupo de quatro homens e uma mulher sentados no chão ululando alto e batendo palmas enquanto invocavam os nomes de seus ancestrais, pedindo que protegessem sua progênie. Pathisa me explicou que as crenças espirituais africanas não são doutrinárias, e que a ideia de conversão é alheia às religiões africanas, o que significa que ao longo da história não houve guerras religiosas decorrentes de conflitos entre sistemas de crença africanos. Achei isso um vislumbre notável e um chamado à realidade. Em um mundo onde a religião tem sido com tanta frequência um fator de exacerbação de conflitos, poderíamos todos aprender com a maneira como os adeptos de crenças tradicionais africanas, como os hadzas, conduzem a vida.

Desenvolvimento humano

Gado

Embora tenhamos vivido como caçadores-coletores durante quase toda a nossa existência, foi no último 1% – os últimos 12 mil anos – que experimentamos a transformação mais dramática. Há cerca de 8 mil a 10 mil anos, o clima da África era muito úmido; os estilos de vida eram intimamente associados à água, em uma vasta área que incluía o à época bem menor deserto do Saara, e uma floresta equatorial maior.

Entre 7000 e 5000 a.C., os humanos se tornaram pastores e agricultores. Começamos a nos comunicar e a cooperar uns com os outros, a

formar laços além daqueles baseados apenas em parentesco. Por volta de 7000 a.C., habitantes de regiões litorâneas passaram a explorar a abundância de peixes e frutos do mar de lagos e estuários. Grupos de pessoas dependentes da pesca se assentaram junto a oceanos, mares, lagos e rios e se tornaram receptivos à noção de produção coletiva de alimentos. Continuaram caçando animais, como girafas, antílopes e búfalos, mas também começaram a proteger e criar os animais selvagens que fossem mais úteis, como cabras, carneiros e, mais tarde, gado, que aos poucos foram domesticados. Os primeiros pastores usavam animais para obter leite, mais que carne, e os maasai ainda têm muito em comum com esse estilo de vida. Os maasai derivam seu nome da sua língua, o maa. Vivem no norte da Tanzânia e no sul do Quênia, e restos fósseis de animais domesticados provam que a região é habitada por pastores desde tempos muito remotos.

Visitei um assentamento maasai no Serenguéti, no norte da Tanzânia. Um agrupamento de aproximadamente trinta cabanas de palha abrigava muitas famílias extensas. Quando desci do carro para apertar a mão de dezenas dos membros da comunidade que aguardavam para me receber, fiquei imediatamente impressionada pela aparência elegante: mulheres altas e esguias em trajes de um vermelho vivo, com cabeça raspada, belamente esculpida, uma joalheria de contas muito elaborada em volta do longo pescoço e brincos pendendo de lóbulos de orelha alongados. Ali perto, pude ver um garoto correndo à frente de seu rebanho de carneiros, aparentemente bem cuidados, que o seguiam ordenadamente – a responsabilidade por cuidar da criação de animais fica a cargo dos garotos maasai e seus fiéis cachorros. Os maasai são nômades e se deslocam com os animais em busca de novos pastos. Fora do assentamento, havia uma cerca de espinhos de acácias, erguida para impedir a entrada dos animais selvagens que vagam pelo Serenguéti. As cabanas, construídas pelas mulheres, são de pau a pique, com grama e esterco de vaca unidos com urina de vaca.

Kinama Marite, um guia maasai local, que falava inglês com estilo e empolgação, contou-me que o gado é tudo para os maasai: “Não ter gado, não ter leite e não ter carne equivale a não ter povo maasai”. Eles suprem todas as necessidades básicas com o gado: comida, leite, couro e esterco para materiais de construção. Tradicionalmente, os combatentes

maasai bebiam o sangue das vacas para se fortalecer, e Kinama revelou ter feito isso em várias ocasiões – e disse, bem-humorado, que era muito bom para curar ressaca. Comunidades de pastoreio por toda a África, não apenas os maasai, precisam aproveitar ao máximo os recursos ambientais, e isso levou a uma excepcional capacidade de sobrevivência e de adaptação, bem como a um sistema de solidariedade altamente desenvolvido.

Cultivos

Também por volta de 7000 a.C., comunidades do interior do continente começaram a construir assentamentos e plantações em terras de propriedade comum. De início, eram cultivos como painço, trigo e sorgo. Quando esses cultivos não vingavam sem intervenção humana, era sinal de que estavam domesticados, e foi assim que a agricultura se desenvolveu. Evidências arqueológicas de ferramentas de pedra indicam que por volta de 1000 a.C. havia uma base agrícola substancial na maior parte do continente.

A família de agricultores com a qual passei o dia nas montanhas Matobo, no sul do Zimbábue, era um grupo estreitamente unido e, como pequenos agricultores, seus métodos diferiam pouco dos de seus ancestrais. Charles Dube, suas duas esposas – amistosas, porém tímidas – Kukhanya e Sibongile, e a mãe dele, Cezanne, cuidam de uma variedade de cultivos, que incluem milho e feijão-verde, e vendem o excedente no mercado. A agricultura é uma ocupação familiar; era domingo e as crianças, como não tinham escola, estavam ajudando. A agricultura exige trabalho intensivo, e os Dube ainda praticam uma agricultura dependente da chuva, o que os deixa vulneráveis aos caprichos do tempo: com chuva demais, os cultivos são varridos pela água, e se a chuva é escassa, vem a seca. Isso significa que eles não têm como expandir a produção. Seu equipamento agrícola é bem básico, mas muitos séculos atrás essas mesmas ferramentas tiveram um impacto transformador na agricultura da África.

O ferro, um metal denso e abundante, é mais forte e mais versátil que o cobre ou o bronze. O minério de ferro era encontrado em boa parte da África e precisava ser extraído do solo e derretido em fornalhas a altas temperaturas (1200 °C) para poder ser moldado em algo útil.

A descoberta da fusão, por volta de 2500 a.C., permitiu o desenvolvimento de ferramentas mais resistentes: machados e enxadas para a agricultura, potes para cozinhar, usados também para armazenar e carregar comida, e armas. O domínio e as habilidades para produzir instrumentos de ferro eram preservados dentro das famílias e constituíam ativos de valor, reverenciados e honrados. Em algumas comunidades, acreditava-se que um bom ferreiro possuía um espírito que transmitia instruções a respeito de onde encontrar uma fonte de ferro e como derretê-lo. As mais antigas e bem-sucedidas civilizações africanas eram aquelas adeptas da produção de apetrechos de ferro, o que inclui os antigos egípcios e os membros da cultura Nok do planalto Jos, na África Ocidental.

Portanto, entre 7 mil e 5 mil anos atrás, dois tipos distintos de comunidades africanas se desenvolveram: as dos pastores nômades, dependentes de animais de criação, e as dos agricultores assentados, que construíam abrigos permanentes usando materiais como barro, pedra e junco; é claro, muitos também caçavam, coletavam, colhiam e pescavam. O fato de a terra raramente ser de propriedade privada significa que a África não passou por levantes envolvendo camponeses revoltados com uma elite de proprietários de terra, como ocorreu na Europa feudal, onde os servos faziam o trabalho pesado para senhores agraciados com terras em troca de lealdade a um rei. Por um período mais longo do que em qualquer outro continente, a África evoluiu fora das restrições decorrentes da propriedade de terra por particulares ou pelo Estado.

No entanto, a ausência de uma grande classe proprietária de terras não significa que as sociedades africanas fossem igualitárias. Havia elites ricas, donas de animais domesticados. À medida que as pessoas passaram a viver juntas, chefes emergiram para atender à necessidade de comandar grupos organizados de homens que cuidassem do gado e realizassem ataques sob suas ordens. Essas elites prosperaram e acumularam riqueza, e, a fim de protegê-la, formaram exércitos e fizeram alianças estratégicas, casando-se com mulheres de outros grupos. Para preservar o status, os chefes instituíram um sistema hereditário de governo. Em troca da lealdade do povo, do trabalho e do serviço, os chefes protegiam aqueles sob seus cuidados. Ser dono de gado era, e ainda é, um imenso fator para determinar poder e riqueza em muitas partes da África.

Depois que o domínio do ferro foi estabelecido, a produção, a colheita, o preparo e a armazenagem de alimentos se tornaram mais eficientes, e pessoas por toda a África tinham mais tempo livre para outras atividades. Começaram a prover serviços e a produzir bens e ornamentos para trocas, estabelecendo um novo sistema econômico, no qual, em vez de produzirem a própria comida, elas a adquiriam de agricultores, criando redes de comércio. Em algumas regiões da África, comunidades agrícolas desenvolveram sofisticados métodos de cultivo e irrigação, que geraram estilos de vida mais variados e avançados. Centros urbanos e, depois, reinos e impérios emergiram por todo o continente, povoados por cidadãos vibrantes e cheios de recursos, governados por reis e rainhas pitorescos e carismáticos, cujos soldados travavam batalhas nas quais o vencedor levava todo o espólio. No entanto, não sabemos tanto a respeito dessas culturas muito mais antigas quanto sabemos a respeito de uma civilização resplandecente que muitas vezes sequer é reconhecida como africana.

Por muito tempo, a história da África foi dominada por narrativas ocidentais sobre a escravidão e o colonialismo. Agora, Zeinab Badawi coloca os fatos em seus devidos lugares.

Com uma escrita fascinante, Badawi nos conduz pela espetacular história da África – desde as origens da nossa espécie, passando por civilizações antigas e impérios medievais com rainhas e reis notórios até os sofrimentos da conquista e a euforia da independência. Visitando mais de trinta países africanos para entrevistar inúmeros historiadores, antropólogos, arqueólogos e contadores de histórias locais, este livro revela narrativas soterradas de todo o continente e devolve à África o lugar que lhe é de direito na história mundial compartilhada.

O resultado disso é um novo e envolvente retrato da África: uma história épica e abrangente do continente habitado mais antigo do planeta, contada pelas próprias vozes africanas.

CRÍTICA



9 788542 243925